

A LINGUAGEM E A EXPERIÊNCIA ROSIANAS

(Raquel de Castro dos Santos – Doutoranda em Poética/FL-UFRJ)

A linguagem opera mundo. Assim, a linguagem mundifica e o sertão rosiano torna-se real. Tornar-se real não pressupõe transformação, mas, vir a ser real. Ao ser linguagem, o sertão rosiano é real, e o narrar diz o sertão rosiano que se inaugura, em velamento e desvelamento.

Na dinâmica do real, a *physis* opera e a linguagem se instaura. O dizer da linguagem é a estória que se mostra. A estória rosiana é o dizer da linguagem, desvinculada da projeção representacional ou funcional que a língua apresenta como código linguístico. A estória é o dizer original, o dizer fundador de mundo, é o dizer do real.

Os 21 contos do livro *Primeiras estórias* trazem experiências do real. A experiência não pode servir de modelo a ser seguido. Esta experiência é o próprio ser sendo no real. É a doação do real. Experimentar é adentrar-se no desmedido que é a linguagem, o real, a *physis*.

Cada estória de *Primeiras estórias* é o dizer da linguagem, a presentificação do real, o agir da *physis*. A experiência, por isso, não pode ser medida nem enclausurada, não pode ser passível de análise. Na narrativa rosiana, se experimenta a linguagem, o real. A estória advém com o agir inaugural instaurador.

1. A LINGUAGEM E A ESTÓRIA DO SERTÃO ROSIANO

Na obra de João Guimarães Rosa, a linguagem instaura mundo. Linguagem essa não entendida pelo viés funcional da língua, dicotomizada pelo significado e significante, mas, entendida com todo o amálgama compreendido como 'a casa do ser'.

A linguagem rosiana vai além do mero uso funcional e representativo da língua, é vivência. É vivência de mundo, vivência com as palavras, vivência do ser, vivência do sertão. A linguagem rosiana é manifestação da *physis*, enquanto tal apresenta o sertão.

É cabível a ressalva de que a linguagem não é uma manifestação humana, mas possibilita que o homem se manifeste, devido às atribuições equivocadas sobre a linguagem rosiana, como, por exemplo, delimitá-la aos neologismos e a outros processos de formação de palavras somente.

A inaugurabilidade da linguagem rosiana oferece um sertão centrado no agir, em que a linguagem é reinauguração. A língua se torna, assim, inaugural, adquire vivacidade. Longe da simples constatação de objeto e/ou sujeito, a língua, na prosa rosiana, é reivindicação do ser.

João Guimarães Rosa diz chocar palavras. Assim, esse movimento de nascitividade da linguagem está presente em sua prosa. Chocar palavras para dar a luz, inaugurar e instaurar. O sertão é mundificação da linguagem. A linguagem é primordial por possibilitar o ser, contem em si o agir inaugural que mundifica.

A linguagem é inesgotável. Única e diferente, contém em si possibilidade, reinauguração e mundificação de ser. Com sua abertura para o mundo, a linguagem mundifica, assim, o sertão de Rosa é mundificado. A linguagem instaura, possibilidade de ser.

Devido à linguagem o sertão de Rosa se mundifica. A existência deste mundo sertanejo é fruto da mundividência da linguagem. E é nesta mundividência que o ser é. Nela, o sertão se mostra entre palavras e silêncios.

A linguagem instaura mundos. O mundo sertanejo de Rosa apresenta-se pela linguagem. Esta é doadora do ser. O ser sertão é um mundo onde a linguagem permite o ser que é instaurado e mundificado.

Através da linguagem, o ser se apresenta na obra de João Guimarães Rosa. O ser sertão não se apresenta acabado, mas em travessia. A linguagem, por sua, não se mostra como matéria fechada em si, mas em abertura. Ao se aventurar pelo mundo da linguagem, anda-se um passo a mais, e o sertão fica em consonância com o caminho percorrido.

A linguagem rosiana não se resume ao uso das palavras, das frases, da sintaxe, da morfologia ou da semântica da língua portuguesa. O caráter inovador da língua na narrativa de Rosa é permissão da linguagem, que faz-se presente e engrandece a própria narrativa do escritor.

É pela linguagem que se vê o sertão falar. Este falar é fala inaugural, é linguagem que cria e se cria, criando o sertão e o instaurando para além da simples relação funcional e referencial da língua. O sertão diz e se faz mundo. O dizer do sertão rosiano é dizer inaugural. É o dizer que não possui fórmulas nem formas. É o dizer fora de

qualquer conceito e contextualização. O dizer do sertão não pode ser depreendido por ouvidos funcionais ou fatuais. O dizer do sertão é linguagem em doação. É linguagem que diz o inaugural. Diz o inaudito.

A linguagem rosiana é linguagem em doação do ser. Linguagem doadora do real. O real se mostra na linguagem. Na doação do ser, a linguagem diz. Nesse dizer, inaugura-se o ser. O dizer auscultado é doação da linguagem, do ser, em profunda consonância. E, pela linguagem, o homem vivifica e funda mundo. Pelas veredas da linguagem, o real se mostra.

O dizer da linguagem é inaugural. Ao inaugurar, a linguagem é oferta do ser e do real que se mostra, se revela, se oculta e se ausculta. Ao se mostrar, o real se instaura e torna-se presença pela linguagem. Revelando-se revela a própria linguagem. Auscultar o *logos* na dinâmica do que se oculta e se revela é a própria dinâmica do real e da linguagem.

O dizer inaugural é o dizer da linguagem, o vigorar. Este vigorar não é fruto do acúmulo de situações, de fatos ocorridos, de pretensões futuras ou do agora. Este vigorar é o dizer inaugural que mundifica.

E este poder de mundificar é instaurador. O real se mostra com a linguagem em doação. Apreender o real é apreender a linguagem. Apreensão que se dá devido à abertura do ser para a linguagem. Não se trata de vontade própria ou força de poder. Auscultar a linguagem é possibilidade do ser.

A linguagem vigora na abertura do ser. Nesta abertura, a linguagem mundifica o ser e se mundifica. A relação entre o ser e a linguagem não é de causa e consequência. É o vigorar que mundifica e torna pleno tanto um quanto o outro. Ser e linguagem

caminham lado a lado, sem um ponto de partida e sem um ponto de chegada. Ambos são a própria travessia.

O dizer da linguagem é o próprio mostrar-se. Ao dizer, a linguagem mostra e se mostra, sem intermédio algum ou origem qualquer que for. A dinâmica da linguagem é a dinâmica da *physis*. Ao mostrar, a linguagem mundifica, ao mostrar-se a linguagem vigora.

O sertão é mundo. Mundo povoado pela linguagem. Assim, pode-se traçar a seguinte relação: o sertão é linguagem. Este sertão de linguagem rosiana é o sertão em que a *physis* e a linguagem estão em vigorar permanente. Neste vigor, a linguagem fala quando se enuncia e silencia.

A linguagem nomeia. Assim, mundifica. O real é instaurado. A linguagem não segue nenhum paradigma, e, portanto, o real não é uma forma pronta, tal como a linguagem não é uma estrutura pronta, fechada em si.

O real é o agir da linguagem que opera mundo. Estar alheio à linguagem é o mesmo que estar alheio ao real. Caso ocorra o alheamento para a linguagem, o real não se dará. O que aparece é um falseamento, em que a linguagem não opera, e, sim, um código ou uma representação de realidade.

O real não pode ser representado, já que sua essência é o agir. Por isso, a representação do real é o há de mais longínquo para sua essência. Assim como o real, a *physis* e a linguagem não podem ser depreendidas por conceitualizações, devido ao agir, que não pode ser representado, nem capturado. A *physis*, em seu velamento/desvelamento, é o agir do real que se doa enquanto linguagem. Entre o

velamento e desvelamento, a linguagem age e opera mundo, mundificando-o e instaurando-o.

À leitura atenta de *Primeiras estórias*, vê-se a operacionalização da linguagem, enquanto instauradora do real. A linguagem opera e o real é mundificado. O mundo sertanejo rosiano é a linguagem em doação. A narrativa rosiana é o narrar inaugural.

No livro *Primeiras estórias*, têm-se 21 contos intitulados pelo título como estória. A estória, na narrativa rosiana, apresenta-se desvinculada do termo história entendido convencionalmente. A estória rosiana é a linguagem agindo.

Na narrativa rosiana, a linguagem opera. É o agir da linguagem que mundifica o sertão. Graças à linguagem o sertão rosiano é real. Tão real que opera nos leitores, com a linguagem.

A estória é o agir, operar da linguagem na narrativa. Por isso, a estória é doação da linguagem no sertão rosiano. Adentrar-se no sertão rosiano é adentrar-se na linguagem. Percorrer o caminho do sertão é percorrer o caminho da linguagem, que não possui entrada nem saída, mas aquilo que é próprio a cada um. O que é próprio não indica possessão, mas, sim, indica o ser.

Mas o ser não é atributo, é original e não origem. Assim, o sertão rosiano não é um atributo à narrativa de Guimarães Rosa, e sim, o operar da linguagem enquanto sertão que se doa no real. A estória é a doação deste real enquanto linguagem. Por isso, não se pode medir o sertão rosiano, ou indicá-lo geograficamente, como um ponto imóvel e cercado por linhas limítrofes. Mais que um lugar no tempo e no espaço, o sertão é linguagem. Seu lugar é também o não lugar, onde a linguagem também possui moradia.

Dentre as possibilidades de linguagem, o real surge. O real se mostra na travessia, linguagem.

A estória na narrativa rosiana não é fatural. Liga-se ao acontecimento. O acontecimento é o operar da linguagem, doando-se no real. O acontecer poético é o acontecer da linguagem na *physis*.

Na narrativa rosiana, a relação entre *physis* e linguagem se dá no sertão. Este sertão é tão real quanto é linguagem. Não é uma medida equilibrada, já que para a linguagem e para o real não há medida. A desmedida ocorre e indica a inexistência de fronteira geográfica ou linguística. O sertão rosiano é a *physis* operando.

A *physis* é o que vigora. Este vigorar não se remete a um movimento perpétuo e retilíneo, é incessante, por ser o agir de velar e de desvelar a dinâmica da *physis*. Pela linguagem, o que se oculta e o que se mostra se revelam. Assim, na estória, essa dinâmica de velamento/desvelamento articula-se como linguagem, *physis*. A estória é, portanto, revelação de linguagem.

Por ser linguagem, a estória dispensa conceituações e padronizações. Cada estória do livro *Primeiras estórias* é doação da linguagem. E como a linguagem, em seu operar, a estória não se apresenta repetidamente. Cada estória tem seu vigor operante particular e singular.

A estória não se apresenta antagonicamente ao termo história, mas, de acordo com sua proposta de ter o acontecimento poético como vigor, ao invés de ater-se ao fato. A diferença entre estória e história não está em relacionar a estória à literatura, e história ao termo cientificamente conhecido, mas, sim, a colocar a linguagem como operadora

de mundo. A estória é o agir da linguagem na narrativa. É pela linguagem que se entende mundo, assim como, vê-se o mundo.

Se estórias se relacionam à linguagem, o termo “primeiras”, presente no título de *Primeiras estórias*, mais do que uma referência à quantidade, se refere à originalidade. Originalidade entendida como algo inaugural, e não como ponto de partida. Tampouco, trata-se de uma ordem crescente, com o intuito de chegar ao topo.

Para além da simples remissão numérica, primeiramente aponta para a originalidade da linguagem. A linguagem não apresenta uma duração mensurável nem é passível de ser contabilizada, ou narrada. A linguagem é o próprio narrar, portanto, há a impossibilidade de a linguagem ser apreendida por uma narração sobre ela. Na dinâmica da linguagem, o dizer é o narrar inaugural. A estória é a linguagem que inaugura, sem partir de uma origem, mas com a proveniência do narrar como instância fundadora da originalidade de dizer, até o indizível, e perdurar no silêncio.

Primeiras estórias é o dizer inaugural. É o dizer mundificante, que vigora no real pela dinâmica da *physis*. O real se mostra. E o narrar é o real em doação, como a linguagem. Para uma etimologia do narrar, Manuel de Castro, em “O narrador e a obra: a linguagem como medida” apresenta a seguinte consideração:

[...] O verbo narrar se formou da palavra latina *gnarus*, aquele que conhece, pela queda do *g-* e com o acréscimo da terminação verbal. O radical *gn-* ainda se conserva na palavra portuguesa *ignorante*. O verbo latino *narro* significa: fazer conhecer e contar, com sentido causativo. Na linguagem familiar: dizer. Por ter as propriedades causativas de fazer conhecer através do dizer, recebeu a denominação retórica *diegesis*. Da raiz *gn-* também se formou o verbo *nosco*. Como incoativo significa propriamente no *infectum*: Eu começo a conhecer, eu tomo conhecimento. Os dicionários etimológicos dão como sendo homônimas as raízes de conhecer e nascer (em grego: *guignosco* e *guignomai*).

Refletindo sobre essas denominações e processos, podemos notar que há uma estreita relação entre: conhecer, nascer e eclodir como palavra. O incoativo, ou começo de ação, acentua o eclodir do conhecimento como

Linguagem, vir à Linguagem e nascer como linguagem. Isso ainda se torna mais evidente porque um tal conhecer como eclosão na linguagem é tratado diretamente pela retórica. A retórica trata especificamente da arte (techne) de falar, do dizer narrativo (discurso). Constatada a estreita relação entre nascer, narrar e co-nhecer, sem uma seqüência causal e consecutiva, mas como um eclodir tripartite, vejamos mais detidamente o que é o co-nhecer. Não podemos ignorar (ig-narrar) que o verbo co-nhecer é o mesmo verbo narrar (*nosco, narro*) precedido do prefixo *cum-* que apresenta três significados básicos: *Cum-* é companhia, ou seja, o homem em *diálogo* com *outro*; é simultaneidade, ou seja, a con-fluência de tempos diferentes; é reunião, ou seja, mantém a harmonia de contrários enquanto identidade e diferenças. A companhia, a simultaneidade e a reunião dizem de um nascer enquanto conhecer e dizer. O narrar, etimologicamente, nos apresenta o próprio eclodir do real como nascer, como Linguagem-linguagem (discurso). A importância da reflexão sobre a etimologia foi mostrar que o narrar é o próprio real se manifestando como Linguagem.¹

O narrar, portanto, na narrativa rosiana, é o eclodir do real e da linguagem. A *estória* é o narrar inaugural, instaurador e operador de mundo.

2. A EXPERIÊNCIA ROSIANA

¹ CASTRO, Manuel de. “O narrador e a obra: a linguagem como medida”. <http://acd.ufrj.br/~travessia poetic/textos.htm>

A experiência rosiana não deve ser vista como um rótulo, mas, como a linguagem. Inclusive, a experiência rosiana é o ser. Pela abertura presente na experiência, não se pode limitá-la nem esquematizá-la. Assim, a experiência presente na narrativa rosiana não pode ser reduzida a um resumo de um fato ou relacionada a uma lição moralizadora. A experiência, em Guimarães Rosa, é experiência de linguagem, experiência de vida, experiência de ser. A experiência rosiana não é empírica. É uma abertura ao experienciável do real. Tampouco pode ser reducionista.

O cunho narrativo de Rosa apresenta como ponto culminante a experienciação da linguagem como unidade criadora de/por excelência. Guimarães Rosa não vê a língua como um organismo morto, sistema fechado ou forma inalterável. A língua se torna uma fonte da linguagem da experienciação existencial e literária. A língua se apresenta para além da sua função código, representacional ou convencional. A língua é nascitividade de linguagem, da experienciação, do ser.

Como já citado anteriormente, nas *Primeiras estórias* há 21 estórias. São elas: “As margens da alegria”, “Famigerado”, “Sorôco, sua mãe, sua filha”, “A menina de lá”, “Os irmãos Dagobé”, “A terceira margem do rio”, “Pirlimpsiquice”, “Nenhum, nenhuma”, “Fatalidade”, “Seqüência”, “O espelho”, “Nada e a nossa condição”, “O cavalo que bebia cerveja”, “Um moço muito branco”, “Luas-de-mel”, “Partida do audaz navegante”, “A benfazeja”, “Darandina”, “Substância”, “—Tarantão, meu patrão” e “Os cimos”. Apesar da aparente heterogeneidade, pelo grande número de histórias que possuem suas particularidades, a homogeneidade já pode ser prevista pelo caráter próprio poético do trabalho com a língua, da linguagem presente nas narrativas de Rosa, amplamente considerado. Paulo Rónai, no estudo introdutório no livro mencionado de Rosa, menciona que em todas as histórias há, como núcleo, um acontecimento

privilegiado. Esse acontecimento privilegiado é uma experienciação do real, ofertado pela linguagem na instância narrativa.

Os elementos da narrativa de João Guimarães Rosa são articulados com a noção de sertanejo, sertão poético do escritor. A instauração de um mundo sertanejo na narrativa rosiana é fruto do grande poder mundificante da linguagem. Através da linguagem literária, João Guimarães Rosa fez um mundo, ficcionalizou um mundo. O mundo do sertão é um mundo mito-poético, pois apresenta a característica fundacional na narrativa, o agir da linguagem enquanto instauradora de mundo. Assim como o mito, o poético instaura o novo, em revivificação.

A estrutura da narrativa é extremamente criativa, lúdica e arquitetônica em qualquer um dos contos, estórias. A junção dos variados planos narrativos, bem como do narrador, permite considerar a mundividência narrativa da prosa rosiana. O mundo do sertão poético forma-se pela linguagem peculiar do sertão. O sertão fala. E este falar do sertão é o falar da experiência rosiana, falar em que não se quer narrar somente um caso, mas a própria experiência que é viver. A experiência despertada no sertão rosiano é experiência do pensar.

Ainda no âmbito da narrativa, Walter Benjamin, em “O narrador”, considera que o narrador narra experiência. Assim, a experiência vivida torna-se experienciável pelo narrar. A profusão narrativa que existe em *Primeiras estórias* percute um sertão multifacetado e de profundidade existencial. As personagens das diferentes estórias mostram um sertão mundividente. Assim, é, entre outros, Sorôco (“Sorôco, sua mãe, sua filha”), Mula-Marmela (“A benfazeja”), Brejeirinha (“Partida do audaz navegante”), Maria, Nhinhinha (“A menina de lá”), Tio Man’Antônio (“Nada e a nossa condição”), o Menino (“As margens da alegria”) e João (—Tarantão, meu patrão”). Através da

exemplificação destes personagens, pode-se validar que a mundividência de dois segmentos, do louco e da criança, está presente nas narrativas. Inclusive, há as narrativas caras ao amor, por exemplo: “Substância” e “Luas-de-mel”. Além do narrativo, nas histórias permeiam-se, também, o lírico e o dramático, em um todo harmônico literário.

Pode-se considerar a história como o narrar da experiência. A cada história narrada, a experiência com a linguagem é vivificada. A vivificação da linguagem traz a experiência consigo, e não isoladamente. Assim, quanto maior for a inserção no âmbito da experiência, será a inserção no âmbito da linguagem. A experiência da linguagem é experiência de vida. Já que está fora de limites, a experiência é um bem incalculável.

A experiência rosiana apresenta um sertão mundividente. Esta mundividência é povoada pela linguagem. O agir incessante na narrativa é a linguagem que narra a história mostrando a si mesma. A impossibilidade de apreensão da linguagem é perceptível pelo seu agir incessante, que não apresenta uma forma fixa. A linguagem opera mundo e é inaugural. Não se apresenta com a mesma roupa todo o tempo. Nem apresenta como marco a divisão tripartida em um presente, passado ou futuro. A mundividência do sertão rosiano é a mundividência da linguagem. Ao adentrar-se no sertão rosiano, caminha-se na linguagem.

Primeiras histórias, através do próprio título, mostra a procura pelo original, pela busca iniciática (no sentido de conversão à linguagem), pelo narrar primeiro, inaugural. Assim, as personagens são iniciadoras e iniciantes. A linguagem poética manifesta-se extremamente prodigiosa, pois é instauração do narrar que instaura o sertão rosiano. A partir da língua ficcionalizada o mundo movente sertanejo surge do estado de latência em imanência. A poética de João Guimarães Rosa está expressa com a fusão entre a

cultura oral e letrada, entre o culto e o popular, de modo que a simbiose torna-se frutuosa e abarca um amplo âmbito cultural, além do enriquecimento narrativo.

Em cada história de *Primeiras estórias* percebe-se a profusão narrativa como profusão da experiência humana. Literatura é vida, bem como ponderara João Guimarães Rosa em sua entrevista a Günter Lorenz. Sertão é vida. Linguagem é vida. Cada estória é um mundo tratado com sua mundividência particular e, ao mesmo tempo, universal. E o narrar narra mostrando, ou seja, a linguagem no narrar diz. A experiência no narrar é igualmente experiência da linguagem. E é devido ao chocar as palavras, pensá-las como possibilidades doadoras de vida, que Rosa mostra seu sertão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estória narrada é a linguagem em doação de ser. Para além de qualquer limite ou imposição, a linguagem mundifica e inaugura a estória. Ao ser narrada, a estória apresenta mais do que um fato, apresenta a linguagem em seu vigor enquanto narrar que mostra e se mostra.

A experiência rosiana se dá no âmbito da linguagem. Não se pode chegar à experiência se não adentrar-se à abertura da linguagem. O experienciável não se apresenta como algo mensurável. O experienciável está na possibilidade da linguagem, e da doação do ser.

Cada conto de *Primeiras estórias* é uma experienciação do real, da linguagem, do ser. Apresenta-se como unidade inaugural na mundividência do sertão. Esta mundividência indica a linguagem como fundadora de mundo, por instaurá-lo e mundificá-lo. O sertão é a linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAINI, Thais Curi. *A memória, medida ontológica do cosmos*. São Paulo: Palas Athena, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; V.1)

BERGSON, Henri. *Memória e vida*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos)

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Tempo, tempo vivido e história*. Bauru, SP: EDUSC, 2003. (Coleção Humus)

BORGES, Jorge Luis. *Literaturas germánicas medievales*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

CASTRO, Manuel Antonio. *Poética e Poiesis: a questão da interpretação*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2000. Série conferências. Volume 5.

-----, *Linguagem: nosso maior bem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004.

-----, *O acontecer poético*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

-----, “O narrador e a obra: a linguagem como medida”. <http://acd.ufrj.br/~travessiapoetic/textos.htm>

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o Humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

-----, *A caminho da linguagem*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

-----, *Arte y poesía*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

-----, *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

JARDIM, Antonio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

LEONEL, Maria Célia. *Magma e gênese da obra*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LORENZ, Gunter W. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. Trad. Rosemary Costhek Abílio e Frídey Souza Rodríguez. São Paulo: E. P. U., 1973.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2003.

PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1990.

- . *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- . *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 3ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1996.
- . *Revista Tempo Brasileiro*. Out-dez. Nº 171, 2007. Rio de Janeiro.
- ROHDEN, Luiz. *O poder da linguagem: a arte retórica de Aristóteles*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a .
- . *Tutaméia* (Terceiras estórias). 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.
- . *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001c.
- . *Manuelzão e Miguilim*. 11ª ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001d.
- . *No Urubuquaquá, no Pinhém*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001e.
- . *Noites do sertão*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001f.
- . *Ave, palavra*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001g.
- . *Estas estórias*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001h.
- . *Grande sertão: veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001i.
- . *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- . *Ficção completa em dois volumes*. Org. Eduardo Coutinho. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.
- . *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958 – 1967)*. Org. Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti. Trad. Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003a.
- . *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003b.
- . *Cartas a William Agel de Mello*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003c.
- SECCHIN, Antonio Carlos (Org.) et al. *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- SOUZA, Ronaldo de Melo e. *Ficção e verdade: Diálogo e catarse em “Grande sertão: veredas”* Brasília: Clube de Poesia de Brasília, 1978.